



AESE
ESCOLA DE DIRECÇÃO
E NEGÓCIOS

Publicação: quinzenal
Director: J.L. Carvalho Cardoso
Editor e Proprietário: AESE
Impresso por: Cromaticamente
Depósito legal: n.º 21228/88
Preço: €1

CORREIO DA AESE

24.º Ano

N.º 553, 15-3-2011

PANORAMA

EUA: o perfil do imigrante muda nas grandes cidades

Um relatório do Fiscal Policy Institute (FPI) pôs em discussão o estereótipo do imigrante que chega aos Estados Unidos para se dedicar a tarefas de baixa qualificação. Segundo esta análise, que poderia provocar uma viragem no debate sobre a reforma da imigração no país, muitos estrangeiros são trabalhadores qualificados.

Across the Spectrum é o terceiro de uma série de estudos sobre a imigração nos Estados Unidos elaborado pelo FPI, um instituto independente com sede em Nova Iorque. A partir dos últimos dados do censo, este novo relatório actualiza os números de *Immigrants and the Economy* (Dezembro de 2009).

Contra a ideia de que os imigrantes ocupam os empregos que os nacionais rejeitam, *Across the Spectrum* mostra que, nas maiores 25 áreas metropolitanas existentes no país, encontram-se quase tantos trabalhadores estrangeiros qualificados como não qualificados. Em 14 dessas 25 cidades, aqueles que possuem um elevado grau de preparação são a maioria.

Entre as áreas com mais imigrantes qualificados encontram-se Pittsburg, Cleveland, St. Louis, Boston, Nova Iorque ou São Francisco. Pelo contrário, noutras, como Dallas e Phoenix, os estrangeiros costumam concentrar-se em empregos como a hotelaria, a limpeza ou a construção civil.

O relatório estabelece uma relação entre o crescimento económico e a imigração. Nas áreas

onde a economia cresceu substancialmente durante as duas últimas décadas, a imigração também subiu bastante. Mas nas zonas onde a economia não cresceu tanto, muito menos subiu a imigração.

A explicação que o relatório adianta é a seguinte: «Os imigrantes acorrem às cidades onde existe trabalho. Ali ganham dinheiro, compram bens e serviços, trazem novas ideias, empreendem negócios e normalmente contribuem para o crescimento económico.»

Para David Dyssegaard Kallick, director do FPI, a complexidade de todas estas tendências deita por terra a visão simplista que muitas vezes se tem da imigração nos Estados Unidos. Na sua opinião, este país «experimenta hoje um fluxo de imigrantes muito mais variado e economicamente mais importante do que a opinião pública pensa».

A reforma da imigração foi um dos debates mais polémicos que, juntamente com a guerra do Iraque, marcou o segundo mandato do ex-presidente George Bush. O objectivo era oferecer uma solução para os quase 12 milhões de imigrantes ilegais que então tinha o país. Apesar de não faltarem abundantes propostas, nem entre os republicanos nem entre os democratas houve acordo.

Quando Barack Obama chegou à Casa Branca, em Novembro de 2008, priorizou outros assuntos como a reforma da saúde. Mas, cedo ou tarde terá de enfrentar a questão da imigração. De facto, em finais de Abril de 2009 fez uma tímida tentativa de reabrir o debate, mas não houve progressos.

As coisas poderiam mudar proximamente. Por um lado, uma vez aprovada a reforma da saúde, Obama pode encarar a forma de resolver outras dessas «questões pendentes» que tanto lhe interessam. Por outro, as conclusões do FPI - amplamente difundidas na imprensa norte-americana - desafiam o estereótipo do imigrante vindo de mãos a abanar.

Embora seja verdade que o debate sobre a reforma da imigração tem sido encarado até agora como um dilema entre regularizar ou não os indocumentados - e, no fundo, como um problema ligado à segurança -, não seria estranho que Obama levasse a discussão por outros caminhos. E provavelmente não lhe iria sair mal essa opção.

No fim de contas, os norte-americanos que se opõem à imigração, na realidade, opõem-se a deixar entrar mais trabalhadores estrangeiros pouco qualificados. Mas muitos estariam dispostos a acolher aqueles imigrantes que contribuam para o crescimento económico do país.

É o que revela uma sondagem publicada há alguns meses na *American Political Science Review*. Se não se distinguir entre a imigração qualificada e a não qualificada, quase 50% dos 1600 inquiridos opõem-se a aceitar mais imigrantes e somente 25% os deixariam entrar.

No entanto, quando se distingue entre ambos os tipos de imigração, os resultados são muito diferentes. Mais de 60% declaram estar «muito» ou «um tanto em desacordo» com o aumento da imigração pouco qualificada. Mas esse número desce para os 40% quando inquiridos sobre a imigração qualificada.

O relatório completo encontra-se na *web* do Fiscal Policy Institute: *Across the Spectrum: The Wide Range of Jobs Immigrants Do*.

J. M. V.

■ **A orientação familiar, uma procura no auge**

A perplexidade perante os novos problemas que afectam hoje raparigas e rapazes está a levar muitos pais jovens a recorrerem aos conselhos dos especialistas. José Miguel Cubillo, psicólogo, arquitecto e presidente da associação Aula Familiar, oferece algumas pistas para entender esta tendência.

O facto de alguns pais recorrerem a um especialista em casamento e família é algo muito recomendável, desde que isso não os paralize nem lhes meta o medo de educar de acordo com as suas próprias experiências e o seu senso comum.

A função do orientador familiar, explica Cubillo, é despertar a iniciativa dos pais para que sejam eles a definirem o seu próprio estilo de vida familiar. Além disso, o orientador oferece conhecimentos, critérios de orientação e técnicas educativas. Mas, no final, são os pais que têm de decidir o que convém aos seus filhos em cada caso.

Este é um dos princípios que guia a Aula Familiar (www.aulafamiliar.org), um centro de orientação familiar fundado em 1973 com a assessoria do Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Navarra.

A Aula Familiar, com sede em Madrid, é membro fundador do Instituto de Iniciativas de Orientación Familiar (IIOF), o qual está integrado na International Federation for Family Development (IFFD), com estatuto consultivo nas Nações Unidas.

- Hoje, é cada vez mais frequente que se recorra à ajuda de especialistas para educar os filhos. A que atribui esta tendência?

- Em parte tem a ver com uma série de ideias na cultura actual. Talvez a mais espalhada é que os pais não estão suficientemente capacitados para educar os filhos; daí recorrerem a pedagogos, psicólogos, professores ou trabalhadores sociais.

Neste ambiente, uma pessoa pode chegar a acreditar - sobretudo, se se deixar levar pelo comodismo - que a educação dos filhos cabe aos especialistas. Deste modo, vai-se gerando nos pais uma espécie de falta de auto-estima; os pais sentem-se cada vez mais inseguros. E, em consequência disso, o papel da família como agente educativo vai-se esfumando.

Para contrariar este modo de pensar, procuramos que as famílias estejam conscientes da missão insubstituível que lhes cabe. Oferecemos aos pais conhecimentos e técnicas para que sejam eles a decidirem a busca e implementação de soluções. Cada família é soberana.

- Nos últimos anos, várias cadeias de televisão espanhola lançaram programas para ajudar os pais na sua tarefa educativa: Supernanny, SOS Adolescentes, Padres, hijos y escuela ou Generación Ni-Ni. A julgar pelo êxito destes programas, dá a impressão de que estamos perante uma autêntica procura social.

- Efectivamente, a procura tem vindo a aumentar, tal como alguns problemas sociais sérios: agres-

sões de filhos a pais, agressões de alunos a professores... Se alguns pais renunciam a exercer a sua autoridade para educar os seus filhos, é provável que surjam problemas de convivência familiar. E então, quando se vêem ultrapassados, recorrem aos especialistas, como se eles tivessem ao seu dispor soluções mágicas.

Alguns programas dos acabados de citar podem fomentar implicitamente a passividade dos pais. Visto que o especialista do programa tem sucesso na resolução dos problemas levantados na televisão, pode parecer que basta aplicar meia dúzia de técnicas para que tudo corra bem. Existe o risco de os pais não se aperceberem de que cada problema é algo de único.

É muito positivo conhecer os progressos da psicologia, da pedagogia e de outras disciplinas. Mas devemos evitar o erro de pensar que a ciência produz por si própria a virtude. Na realidade, tornamo-nos bons e ensinamos os nossos filhos a tornarem-se bons praticando o bem.

- Diversamente da mediação familiar, que é centrada na resolução de conflitos que já tenham acontecido, a orientação familiar procura prevenir-los. Mas, não lhe parece que as pessoas reagem de modo distinto em tempo de crise que em tempos de bonança?

- É verdade que procurar resolver problemas no meio de uma tempestade é muito mais custoso e difícil que fazê-lo com bom tempo. Por isso é tão importante ter iniciativa e saber adiantar-se. Em geral, os problemas familiares são muito parecidos. A diferença básica entre uma família e outra reside na forma como cada uma vive os períodos de calma e como enfrentam os problemas quando eles aparecem.

O primeiro aspecto é decisivo. Muitas famílias deixam passar oportunidades de melhoria quando não há problemas pressionantes; vivem de um modo perfeitamente passivo, sem fixarem metas concretas e sem actuarem para as alcançar. Outras famílias, pelo contrário, caracterizam-se por armazenarem recursos para as temporadas de escassez. Têm metas definidas e procuram atingi-las de forma activa. Quando surgem os problemas, semelhantes aos das restantes famílias, estão em excelentes condições para os poder resolver.

J. M. V.

■ Zuma, polígamo mas são

O presidente da África do Sul quer ser um campeão da prevenção contra a SIDA, embora o seu exemplo pessoal não seja muito modelar.

Conciliar família e trabalho não deve ser um problema para Jacob Zuma, presidente da África do Sul, com quatro mulheres oficiais, além de um *affaire* extra-matrimonial, do qual nasceu o seu filho número vinte. A possibilidade de ter um presidente polígamo foi já motivo de debate na altura da sua eleição, pois ia contra a imagem de país moderno que a África do Sul pretende assumir. Contudo, Zuma, de 68 anos, sustenta que entre os zulus ilustres é costume ter mais de uma mulher, e que está orgulhoso de agir de acordo com esta tradição ancestral.

Mas agora está a ser criticado não por aumentar o número de primeiras damas, mas por exibir um estilo de vida que pode arruinar os esforços do governo na prevenção da SIDA. A África do Sul tem 5,7 milhões de seropositivos - mais do que qualquer outro país africano - e, enquanto o presidente anterior chegou a questionar que a SIDA tivesse origem no VIH (vírus da imunodeficiência humana), o governo actual manifestou a sua decisão de falar claro e de promover medidas de prevenção.

Zuma é dos que pensam que nestes temas o importante é não ocultar nada. Assim, em declarações que efectuou, disse da sua convicção de que um casamento polígamo onde se discute francamente o VIH, é mais seguro que uma união monogâmica na qual o homem tem amantes clandestinas. Mas não disse nada sobre se não seria mais são um casamento monogâmico e estritamente fiel. Verifica-se que entre os zulus também é conhecido o velho truque de comparar uma situação idealizada com a contrária reduzida aos seus piores termos.

Mas todos os estudos epidemiológicos confirmam que na África subsariana a multiplicação de parceiros sexuais (com poligamia ou de livre vontade) é a principal fonte de contágio, e que a sua redução seria o melhor modo de prevenir a infecção.

Já que não pode apresentar-se como exemplo de luta contra a promiscuidade, Zuma lança mão de outros aspectos. Como o governo está a fazer uma campanha a favor da circuncisão, que pode reduzir o risco de contágio no homem, Zuma confessa que ele já o fez e quer que os seus filhos o façam também.

Contra os que o criticam pela sua aventura extramatrimonial que não se enquadra bem com a sua política de «sexo seguro», Zuma responde que já fez o teste por quatro vezes (quem dá mais?) e que deu sempre resultado negativo.

Naquilo em que Zuma é irremediavelmente um africano é ter gerado vinte filhos (embora as fontes apresentem discrepâncias sobre o número). Verifica-se que a este pai da pátria não lhe inquieta a sobrepopulação, tão temida pelas agências da ONU. Embora se formos dividir o número de filhos pelo de mulheres não seja caso para tanto.

Ao fim e ao cabo, constata-se que o Zuma polígamo tem um discurso substancialmente moderno sobre a prevenção da SIDA. Assim como as campanhas ocidentais usuais dão por adquirido que a promiscuidade é a norma, Zuma considera normal ter várias mulheres e uma amante, desde que seja às claras. Concorde também em que a responsabilidade sexual é algo que tem a ver com preservativos e testes, não com a fidelidade mútua no casal. E acredita que basta falar com clareza para que os comportamentos mudem. O que não se explica é o motivo pelo qual as infecções devidas à SIDA têm continuado a crescer em África, e somente têm diminuído quando em países como o Uganda se fizeram campanhas a favor da fidelidade e do atraso das relações sexuais. Conciliar «sexo seguro» e promiscuidade não é fácil nem em África nem na Europa.

I. A.

■ **Sempre ligados, distráidos muitas vezes**

As tecnologias de informação e comunicação podem chegar a oprimir-nos. Um estudo mostra que estar sempre ligado é uma fonte de distrações que faz trabalhar pior, explica Matt Richtel no *The New York Times*.

Um utente acostumado às técnicas de comunicação pode ter abertos meia dezena ou mais de canais em simultâneo. Enquanto escreve com o computador, no seu ecrã pode comprovar ao fim de alguns minutos o correio electrónico que lhe chega e ao mesmo tempo estar atento às cotações da Bolsa ou outras informações pela *web*, e num canto ter aberta uma janela para ver televisão. Se lhe enviarem

um recado pelo *Twitter*, pela sua rede social ou por mensagem instantânea, vê-lo-á. Com o telemóvel, que também funciona como agenda, pode falar ou usar o *SMS*, e recordar graças aos avisos acústicos a hora de um próximo encontro ou o vencimento de um assunto pendente.

É o que acontece aos homens e mulheres «multitarefa», sempre ligados, capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo ou de passar de uma para outra a uma velocidade vertiginosa. Ou não. Constata-se que, segundo um estudo feito na Universidade de Stanford, tais pessoas esquecem mais coisas, distraem-se mais e trabalham menos.

A intenção de Eyal Ophir e dos seus colaboradores era averiguar se a tecnologia actual permite à raça humana superar uma limitação que os psicólogos tinham dado por invencível: o nosso cérebro só com muita dificuldade pode processar dois fluxos de dados simultâneos, e nunca usá-los para tomar duas decisões ao mesmo tempo.

Para comprovar se isto havia mudado, elaboraram algumas experiências para dois grupos de pessoas: um de «multitarefa» e outro de pessoas acostumadas a trabalhar de modo mais tradicional. Numa experiência procurava-se identificar mudanças de posição em figuras vermelhas sem atender ao que se passasse com outras azuis, tendo os «multitarefa» tido pior pontuação. A explicação plausível é que são menos capazes de filtrar a informação para não a considerar irrelevante. De facto, outro ensaio mostrou que perdem rendimento por tenderem a procurar novos dados sem pararem para verificar se os que já têm são válidos e suficientes para tirar partido deles. Talvez a descoberta mais surpreendente seja que os «multitarefa» demoram mais a realizar um trabalho e são mais lentos a passar de um para outro.

Isto não significa que usar muito as tecnologias de comunicação tenha apenas consequências prejudiciais. Há indícios de que estimula as ligações neuronais e a actividade cerebral. Mas pode diminuir a capacidade de concentrar a atenção numa coisa, e isto é necessário para trabalhar bem.

Pelo menos, é o que ocorre com a grande maioria dos mortais. Outros estudos, feitos por investigadores da Universidade do Utah, indicam que há efectivamente pessoas capazes de gerir mais do que um fluxo de informações em simultâneo. Mas são muito poucos: menos de 3% da população total.

(in *The New York Times*)